

## ***Casa da Ínsua – Hotel de Charme***



### **Roteiro Jardins**

Um passeio pelos jardins e quinta da Casa da Ínsua oferece momentos únicos em ambientes e cenários naturais carregados de história. Em seguida destacamos apenas alguns pretextos para muitos dos variados percursos e pontos de interesse possíveis.

O **Pátio do Chafariz** é marcado pela entrada da casa, pela frontaria da Capela e pelo arco. No centro, o Chafariz, datado de 1894, está assinado por Nicola Bigaglia e D. F. Machado. O desenho original do Chafariz está datado de 1893, assinado por Nicola Bigaglia, encontra-se exposto no Corredor das Memórias, no interior da Casa. A água que ali cai está integrada num complexo sistema de minas, galerias subterrâneas e aquedutos que alimenta toda a quinta, as suas fontes e os espelhos de água. Os centenários plátanos são outro dos pontos marcantes deste terreiro. O campanário integra um raro esquema de cinco sinos sobrepostos com mais um, no topo, em que este é multi-centenário, remontando aos tempo de origem da capela. No relógio pode ler-se uma inscrição em latim incitando à oração e ao trabalho como desígnio do homem: “PRECI, LABORI, OTIOQVE EST, HOMO, MVNVS MEVM”. Os dois canhões que marcam a entrada da Casa, ostentam o escudo de D. Maria I e têm a inscrição “LXª ARCENAL REAL DO EXERCITO” com as datas de 1776 e 1793. Deram fogo na batalha do Buçaco, durante as invasões francesas e, diz a tradição, que foi o próprio exército francês que, na debandada da 3ª Invasão, os terá trazido até à Ínsua. No topo lateral do torreão norte da casa sobressai um imponente brasão dos Albuquerque em pedra e no pequeno jardim adjacente está mais um trabalho de Nicola Bigaglia, uma fonte em pedra com um peixe-dragão que deita água quando lhe puxam o rabo. A temática da flor de liz, símbolo que predomina em toda a decoração da Casa, marca também este fontanário que tem ainda a inscrição: “SI OVIS SITIT VENIAT AD ME ET BIBAT 1902”

O **Jardim Francês**, assim chamado por ser de inspiração francesa, incorpora o então chamado Jardim de Baixo, no tempo em que a estrada principal passava junto à frontaria da casa. Divide-se em dois patamares, com buxos compactos plantados em 1856, sendo bem marcantes as suas formas geométricas com cornucópias, jarras e leques e a harmonia estética de todo o espaço. A localização do espelho de água central é tal que permite ver nele reflectida a totalidade da imagem da Casa. Neste lago temos a rara Flor de Lótus, originária da Índia, que floresce todos os anos, entre Junho e Julho, e que tem a particularidade de viver apenas 48 horas. Perto está uma magnólia datada de 1842. As perfumadas e centenárias camélias têm uma presença que marca todo este espaço ajardinado.

Na continuação podemos ainda passar pelo **Tanque do Cisne** e desfrutar do magnífico **Jardim de Aromas**, os canteiros e alegretes das flores, com uma infundável variedade de espécies, algumas raras em Portugal, e o **Canteiro das Castas**, onde se podem observar as diferentes castas utilizadas na produção do Vinho da Casa da Ínsua. (Cabernet, Touriga, Alfocheiro, Tinta Roriz, Arinto, Semillon, Encruzado, Sauvignon).

No final da **Pérgola do Jardim de Cima**, encontramos a **Casa da Nora**, que em tempos esteve adaptada a pombal, e o acesso à subterrânea **Adega Antiga**. Este cruzamento dá ligação, por um dos tramos, à **Fonte dos Amores**, por outro à estrada velha, onde se pode encontrar a **Fonte do Eiteiro**, local de homenagem à origem da Casa, e a uma mesa redonda de pedra, onde se consegue ler a inscrição “SOLITVDINEM QVAERDT QVI VET QVM INNOCENTBUS VIVERE” e, no outro tramo, faz a ligação com o início da Rua Camila de Faria. Seguindo por esta, passa-se pelo **Miradouro**, pela eira e espigueiro e pelas ruínas da **Casa Velha** (Século XVI), encontrando em seguida o **Cruzamento das Quatro Virtudes** (TEMPERANTIA, FORTITUDO, JUSTITIA, PRUDENTIA), em plena **Rua dos Buxos**.

Na Rua Camila de Faria encontramos também, descendo as escadas de acesso, o **Tanque dos Jarros**, rodeado de vários vasos decorativos em pedra, contendo plantas vindas do Brasil, assinados por Nicola Bigaglia e datados de 1898. Neste local podemos admirar também a **Fonte do Leão** e, ao lado, um dos acessos às compridas galerias subterrâneas que integram o complexo sistema hidráulico da Quinta. Em frente, a entrada nas ruínas da centenária **Fábrica do Gelo**. Ainda hoje, muita gente nas redondezas se recorda de familiares directos que foram salvos, das suas graves maleitas, pelo gelo aqui fabricado. Uma das funções do gelo era a medicinal, razão pela qual, durante a noite era transportado, envolvido em palha, para o Hospital de Viseu, em carroças puxadas por bois.

Mais à frente, na confluência com a Rua Ignez e a Rua Emília, a **Cascata** com o aqueduto e o **Tanque dos Tijolos** que é marcado por uma grande mesa de pedra, a **Mesa da Cascata**, com a inscrição “FEITO 1880”. Abaixo daquele está a **Fonte do Menino**, uma obra de arte irmã da Fonte dos Meninos do Jardim Inglês. Outro núcleo de interesse é constituído pelo **Lago dos Nenúfares**, as ruínas da miniatural **Casa de Chá** e o **Tanque das Lavadeiras**.

No final da Rua Ignez, junto ao muro exterior da Quinta, encontramos o **Painel de Santo António**. Monumental painel cerâmico em relevo, dedicado a Santo António e que retrata a aparição da Virgem e do Menino a Santo António. Integrado num altar trabalhado em granito, a imponente obra está assinada L. Batistini 1909.

No extremo nordeste, junto ao cruzamento da Rua Maria com a Rua Luíza, a zona do **Lago da Ilha** com a sua **ponte de pedra única** é marcada por muitos pelourinhos e obeliscos. Aqui perto está também a **conversadeira de azulejos mouriscos** cuja construção está assinalada com a data de 1901.

No regresso, podemos usar a principal via da Quinta, a **Rua dos Buxos**, datada de 1856, e que interliga o **Portão da Meia-Laranja** com o **Jardim Inglês** e a Casa, passando pelo **Cruzamento das Quatro Virtudes**.

O **Jardim Inglês** recheado de zonas de sombra e sol que, além de proporcionarem apaziguadores ambientes de rara beleza, criam amenas e reconfortantes brisas para quem nele passeia. Este espaço está repleto de espécies trazidas do Brasil, por Luís de Albuquerque, de que são principais exemplos as monumentais sequóias ou a árvore de pau-brasil, assim chamada pela sua cor de brasa e a partir da qual se baptizou o Brasil, o nosso país irmão. O gigantesco eucalipto, que também marca este espaço junto à **Rua dos Buxos**, terá sido um dos primeiros vindos para Portugal, pela mão do Marquês de Pombal. São imponentes espécimes com mais de 50 metros de altura que marcam fortemente este jardim. Também os cedros do Líbano têm, tal como todas as anteriores, mais de dois séculos. Ainda junto à **Rua dos Buxos**, no acesso ao **Salão Príncipe da Beira**, está o **pedestal da Fonte dos Meninos**, um trabalho com assinatura póstuma de Nicola Bigaglia (DM / NB 1910). Este jardim tem ainda um lago e sinuosos caminhos que permitem usufruir um repousante passeio.

Da longa **Pérgola do Jardim de Cima** pode usufruir de uma excepcional vista panorâmica ou descer para o **Tanque dos Cisnes** e passar pela **Senhora do Popó** (ou Totó, como se diz noutras regiões). Esta “figura de boas vindas”, com três relógios de sol na base, foi para aqui transladada e diz-se ter poderes especiais para pessoas “encalhadas” que, ao tocarem no seu “popó”, alcançarão a graça de vir a ser “desencalhadas”!

Os **Portões da Quinta** são também um trabalho de Nicola Bigaglia. Os principais portões visitáveis na Quinta são o da **Meia Laranja**, no final da **Rua dos Buxos**, que dá acesso ao Largo da Câmara e o duplo **Portão da Moita ou da Mata**, no final da **Rua Maria**. Nos restantes portões assinados por Bigaglia estão o da Sereia ou de Sangemil e o de Castendo. Este tem projecto datado de 1898, que está exposto no Corredor da Memória, onde se pode admirar uma foto do mesmo com a inscrição 1905. No mesmo corredor, pode ainda ser admirado o desenho técnico realizado para este portão de ferro. O Portão Principal da Casa da Ínsua, que dá acesso ao **Pátio do Chafariz** e ao **Jardim Francês**, esteve até aos finais dos anos 20, do Século XX, alinhado com a frontaria principal da casa, porque ali em frente passava a rua principal da povoação da Ínsua. Arruamento que separava a casa dos jardins, até aí chamados por isso de Jardins de Baixo. Por essa altura, foi colocado na sua posição actual, fechando o caminho com um portão de ferro, que está datado de 1931.

